

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS**

**CARINE DE SOUZA PATRÍCIO  
HIASMINE LIMA DA SILVA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE  
PESQUISAS ACADÊMICO-CIENTÍFICAS SOBRE A LIBRAS**

**RIO BRANCO  
2022**

**CARINE DE SOUZA PATRÍCIO  
HIASMINE LIMA DA SILVA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE  
PESQUISAS ACADÊMICO-CIENTÍFICAS SOBRE A LIBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Acre como requisito  
parcial para a obtenção do título de Licenciadas em  
Letras-Libras.

Orientador: Prof. Dr. Shelton Lima de Souza

**RIO BRANCO  
2022**

---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

P314v Patrício, Carine de Souza, 1988 -

A variação linguística em foco: levantamento e análise de pesquisas acadêmico-científicas sobre a Libras / Carine de Souza Patrício e Hiasmine Lima da Silva; orientador: Dr. Shelton Lima de Souza. - 2022.

49 f.:il; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Licenciatura em Letras: Libras, Rio Branco, 2022.

Inclui referências bibliográficas.

1. Variação linguística na Libras. 2. Estudos surdos. 3. Teoria da variação. I. Silva, Hiasmine Lima da. II. Souza, Shelton Lima de (orientador). III. Título. CDD:419

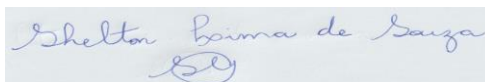
**CARINE DE SOUZA PATRÍCIO  
HIASMINE LIMA DA SILVA**

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO: LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE  
PESQUISAS ACADÊMICO-CIENTÍFICAS SOBRE A LIBRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciadas em Letras-Libras, no Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal do Acre.

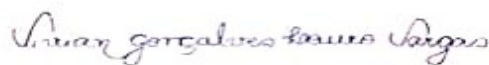
Rio Branco, 24 de maio de 2022.

Banca examinadora



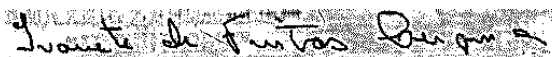
---

Prof. Dr. Shelton Lima de Souza (Orientador)



---

Prof. Me. Vivian Gonçalves Louro Vargas (Membro)



---

Prof. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira (Membro)

**Rio Branco**

**2022**

## AGRADECIMENTOS

Eu, Carine de Souza Patrício, gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus, que me deu força, sabedoria e paciência para prosseguir com este trabalho, mesmo com todas as dificuldades e barreiras que surgiram durante o percurso desta pesquisa.

Agradeço também ao apoio que tive de meus familiares e amigos; espero que todos de alguma maneira sintam-se representados neste momento tão importante da minha vida, em especial a minha mãe, Rita de Abreu, uma mulher forte e guerreira, que sempre esteve comigo me dando apoio, ensinamentos e carinho, que temo não conseguir retribuir. O meu muito obrigada a essa mulher que me ensinou que estudar e respeitar o próximo são sempre os melhores caminhos para o futuro. Aos meus irmãos Everton Arruda e Matheus Gomes, que juntos, enfrentamos muitas barreiras juntos superando as barreiras, tentando sempre vencê-las. Também gostaria de agradecer a meu primo, Ademilton Júnior, que mesmo quando muitos duvidaram e viraram as costas para mim, ele esteve presente, apoiando-me e acreditando que acima de qualquer coisa eu poderia me tornar uma excelente profissional. Aos meus amigos carinhosamente apelidados de “capivaros” e “diquirimbebes”: Amarildo Melo, Hiasmine Lima, Maria do Socorro e Mayza Costa, agradeço a paciência e a força por termos aguentado esses quase cinco anos juntos, espero que saibam que eu amo vocês e estarei presente sempre para o que precisarem.

Agradeço também a todos os professores, tradutores-intérpretes de Libras e colegas de curso, visto que compartilhamos grandes momentos e provações durante esses anos. Em especial, à Profa. Ma. Claudia Martins, que foi a principal responsável por eu ter escolhido a Libras para fazer parte da minha vida, mostrando que ser professor pode ser leve e prazeroso. À Profa. Ma. Karlene Souza que me ensinou que por mais que nos julguem pela aparência, nunca devemos perder nossa essência e bom humor. Aos Prof. Me. Israel Queiroz e Prof. Me. João Renato, por serem luz por onde passam; À Profa. Esp. Ianele Vital que nos recebeu no primeiro dia de aula com muito carinho e entusiasmo; e à Profa. Ma. Ivanete Cerqueira, que sempre nos guiou com muita paciência e sabedoria.

À professora Dra. Rosane Garcia, que com toda calma e elegância, nos trouxe a esse momento tão importante da nossa vida; espero que ela consiga sentir toda a gratidão que sentimos, muitíssimo obrigada.

Por fim, mas não menos importante, agradeço imensamente ao professor Prof. Dr. Shelton Souza, que aceitou o grande desafio de nos orientar, apresentando possibilidades e ideias para a pesquisa que deu origem a este trabalho, orientando da melhor maneira possível, compartilhando seus saberes, com muita paciência e dedicação, sempre compreendendo as limitações que surgiam enquanto a pesquisa era realizada.

Eu, Hiasmine Lima da Silva, agradeço primeiramente a Deus que me deu a oportunidade de fazer e concluir o curso de Letras-Libras.

Aos meus pais, Maria José e José Francisco, por sempre me apoiarem e me incentivarem a buscar conhecimento e me ensinaram e me guiaram na estrada da vida e sempre intercederam por ela.

À minha filha, Àvila Jasmin, que é minha fonte de ânimo diário, de amor e de um sorriso contagiante. À minha querida Avó Nilza que sempre me nutriu com seu amor, carinho e atenção. Ao meu companheiro Luã que esteve me apoiando, incentivando, fazendo-me provar do amor e do cuidado todos os dias.

Aos meus colegas de classe que de alguma forma vieram contribuir para todo o meu aprendizado, em especial minha querida amiga Carine que sempre esteve comigo e foi um alicerce nesses quatro anos, nessa longa caminhada acadêmica.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Shelton Souza que com os seus conhecimentos nos instruiu para a elaboração genuína deste trabalho.

À professora Dr<sup>a</sup> Rosane Garcia, que com seus conhecimentos nos guiou durante a realização dessa pesquisa e esteve sempre à disposição para nos guiar nesse caminho tão difícil.

Aos professores do Letras-Libras, aos tradutores-intérpretes e à Universidade Federal do Acre pública, gratuita e de qualidade.

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo investigar em espaços acadêmicos virtuais, como sites de revistas especializadas e de órgãos de fomento como Capes e CNPQ, trabalhos acadêmico-científicos que versem sobre perspectivas variacionistas em elementos estruturais da gramática da Língua Brasileira de Sinais, a Libras. Nesse sentido, esta monografia é resultado de uma pesquisa descritivo-analítica que culminou com a análise de uma série de produtos acadêmicos que mostram as atuais tendências de investigação, com base na chamada Sociolinguística variacionista, no tocante a elementos estruturais da Libras que estão em variação, de acordo com os estudos pesquisados que expuseram resultados que foram mencionados e, por conseguinte, interpretados ao longo deste texto monográfico. Assim, por meio da análise proposta, observaram-se alguns resultados que, por ora, são preliminares, tendo em vista a natureza inicial desta monografia: os textos analisados seguem a perspectiva da chamada Teoria da Variação laboviana, neste trabalho além da teoria variacionista de Labov foram utilizados outros autores, como: Bagno e Quadros e Karnopp; não há, entre os textos estudados, qualquer perspectiva teórica “nova” no que se refere a analisar os elementos em variação; os autores destacaram o fato das comunidades surdas, nas quais foram identificados os dados, estarem em constante mudança sociocultural; e, por fim, destaca-se que há uma total tentativa de adaptação dos estudos variacionistas das línguas orais nas línguas de sinais, mostrando que, ainda, há uma forte tendência em se considerar a analisar a Libras por meio de perspectivas teóricas que foram construídas por meio de dados de línguas orais.

Palavras-chave: Variação linguística na Libras. Estudos surdos. Teoria da variação

## ABSTRACT

The present work is a research that aims to investigate in virtual academic spaces, such as websites of specialized journals and funding agencies such as Capes and CNPQ, academic-scientific works that deal with variationist perspectives in structural elements of the grammar of the Language Brazilian Sign Language, Libras. In this sense, this monograph is the result of a descriptive-analytical research that culminated in the analysis of a series of academic products that show the current research trends, based on the so-called variationist Sociolinguistics, regarding structural elements of Libras that are in variation, according to the researched studies that exposed results that were mentioned and, therefore, interpreted throughout this monographic text. Thus, through the proposed analysis, some results were observed that, for now, are preliminary, in view of the initial nature of this monograph: the analyzed texts follow the perspective of the so-called Labovian Variation Theory; There is not, among the texts studied, any "new" theoretical perspective with regard to analyzing the elements in variation; the authors highlighted the fact that the deaf communities, in which the data were identified, are in constant sociocultural change; and, finally, it is highlighted that there is a total attempt to adapt the variationist studies of oral languages into sign languages, showing that there is still a strong tendency to consider analyzing Libras through theoretical perspectives that were constructed through data from spoken languages.

Keyword: Linguistic variation in Libras. Deaf Studies. Variation Theory.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 REFERÊNCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1 A Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS.....	14
2.2 Línguas em uso, Teoria da Variação Linguística.....	16
2.3 Mitos, Preconceitos e o Reconhecimento da Variação Linguística.....	18
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
3.1 Caracterização da Pesquisa.....	24
3.2 Contexto e Procedimentos de Pesquisa.....	25
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>29</b>
4.1. Questões gerais sobre Variação Linguística.....	29
4.2. Os trabalhos sob análise.....	31
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para que pudéssemos tratar sobre o assunto ao qual nos dispusemos nesta monografia, fez-se necessário um breve levantamento referente aos aspectos históricos sobre os surdos no Brasil e, mais particularmente, da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, e de suas variedades, e o ano no qual a Lei da Libras entrou em vigor - que assegura, no Brasil, institucionalmente, o uso da Libras nas comunidades surdas, e que consideramos, em um trabalho monográfico sobre essa língua, de fundamental importância discutir os pontos político-sociais que norteiam os usos institucionais ou não da Libras

Sabendo que os surdos têm a Libras assegurada pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, podemos dizer que eles utilizam essa língua para se comunicar - e por que não dizer “para estar no mundo”? (BAKHTIN, 2010) -, mas ainda assim a língua portuguesa se faz necessária na vida escolar dos surdos, pois a Lei, em seu parágrafo único, nos mostra que a Libras não pode substituir a modalidade escrita do português, visto que a língua portuguesa é utilizada onde a comunidade surda está inserida, em todos os locais em que o sujeito surdo anda existindo; ou seja, há todo um aparato cultural construído em torno do português.

Nessa perspectiva, Andreis-Witkoski, Maestri e Oliveira (2019) ressaltam que o próprio reconhecimento oficial da Libras, como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas, ocorreu somente com a promulgação da Lei 10.436/2002, o que não impediu, por exemplo, que a educação de surdos ainda fosse pautada em perspectivas de ação em torno do português e, por conseguinte, tendo como base uma perspectiva “ouvintista” de educação como explanam Vargas e Souza (2021):

A história da educação de surdos é marcada pelo enfrentamento, com perdas e vitórias diante de práticas sociais de tentativas de invisibilidade social pelas quais sujeitos surdos (e indígenas) (SOUZA; KAXINAWÁ, 2019, SOUZA, 2019) passam (VARGAS; SOUZA, 2019, VARGAS, 2019); por isso, podemos afirmar que a história da educação de surdos é fruto de (re)existências, ou seja, resistir para existir; diante de imposições e diversas formas de pressão social para que possui pontos negativos, sendo marcada por preconceito, exclusão, falta de acessibilidade linguística; mas também pontos positivos, marcados por lutas e vitórias. Inicialmente, os sujeitos surdos eram rejeitados pela sociedade e isolados, pois acreditava-se que eles não podiam ser “educados” (STROBEL; PERLIN, 2008; VARGAS; SOUZA, 2021, p. 4).

De acordo com Vargas e Souza, a perspectiva de educação voltada para surdos se adequava a uma visão sócio historicamente delimitada de inadequação de educação para esses sujeitos, o que abriu espaço para a compreensão de que os surdos precisavam ser oralizados e, conseqüentemente, ser igualados aos ouvintes, já que eram considerados seres incapazes. A educação teria de ser o espaço para inserir os “incapazes” na sociedade.

Nesse sentido, embora a Lei da Libras seja fundamental para uma compreensão estatal da importância de reconhecimento de línguas, a lei em si não ajuda a sociedade a compreender o que são as línguas e, sobretudo, compreender a heterogeneidade sociocultural que as línguas promovem, o que nos ajuda a pensar e refletir a importância por exemplo de se compreender que as línguas não são seres monolíticos, mesmo que as variedades linguísticas sejam homogêneas por relações de poder nas sociedades mundo afora (BAGNO, 2015). Dessa forma, Bagno discute a importância de se inserir, por exemplo, nos estudos sobre o português questões relacionadas à variação que está imersa nessa língua para que determinados “mitos” sejam problematizados:

A importância da língua falada para o estudo científico está principalmente no fato de ser nessa língua falada que ocorrem as mudanças e as variações que incessantemente vão transformando a língua. Quem quiser, por exemplo, conhecer o estado atual do português brasileiro precisará investigar empiricamente a língua falada [...] (BAGNO, 2015, p. 85).

Relacionando essa questão da variação linguística à Libras, nós, autoras deste texto, compreendemo-nos como participantes da comunidade surda, já que temos colegas ouvintes e surdos fazendo a utilização da Libras. Entendemos, dessa forma, que ficou impossível não percebermos a presença da variação linguística durante as conversações que tínhamos com esses colegas. E em sua grande maioria, os surdos ensinavam uma maior quantidade de sinais com os mesmos significados, embora houvesse diferença nos traços de composição desses sinais. Isso acabou nos despertando o interesse em pesquisar como ocorre a variação linguística na Libras.

Observando o cenário das línguas de sinais, em ênfase a Libras, podemos observar que pouco se sabe sobre a variação linguística na Libras; por isso o presente estudo busca tecer algumas reflexões sobre resultados apontados por trabalhos acadêmico-científicos que promoveram discussões sobre elementos de variação na Libras.

Por meio do tema A Variação Linguística na Libras em foco: levantamento e análise de pesquisas acadêmico-científicos sobre o fenômeno da variação linguística, buscamos desenvolver algumas reflexões sobre o assunto que, inclusive, nós tínhamos dúvidas, ou que queríamos ter um melhor conhecimento sobre os elementos linguísticos e sociais que promovem variação nas línguas e, mais particularmente, na Libras. Logo, desenvolvemos esse estudo procurando estabelecer uma relação entre a Libras e as formas de variação que ocorrem na nessa língua.

Pensando nisso, estabelecemos como objetivo geral da pesquisa apresentar um levantamento descritivo-analítico de alguns trabalhos acadêmico-científicos sobre a variação linguística na Libras. Esses trabalhos foram recolhidos em sites de revistas científicas da área de Letras/Linguística e em sites de fomento à pesquisa que têm bancos de monografias, dissertações e teses, como a CAPES e o CNPQ, e, evidentemente, também foram consultados sites de universidades brasileiras que apresentam à comunidade científica bancos de dissertações e teses. Tendo em vista o objetivo geral, os objetivos específicos da pesquisa que deu origem a este trabalho são os seguintes: (a) analisar as características teóricas seguidas pelos trabalhos que analisam a variação na Libras; (b) interpretar as características metodológicas de trabalhos sobre o tema variação na Libras; e (c) compreender os principais elementos de promoção da variação em Libras abordados nos trabalhos pesquisados.

O presente estudo motivou-se a partir do contato com a disciplina de Sociolinguística, que nos mostrou a amplitude de questões que envolvem as sociabilidades permeadas pela Libras e os aspectos gramaticais dessa língua de sinal. A partir do primeiro contato como os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística em sala de aula e também de um curso de Libras, a nível básico, que ministramos por meio do Centro de Educação, Letras e Artes/CELA, percebemos que há uma certa hesitação dos indivíduos em aceitar a existência de heterogeneidade na composição da Libras, ou seja, observamos uma certa negação da existência de variação na Libras; durante o desenvolvimento desse curso, observamos que os estudantes achavam que a variação na Libras, era, na verdade, “uma forma errada de sinalizar”. A partir, dessa constatação e, sobretudo, pela preocupação pedagógica em se descrever e se analisar a Libras como uma língua qualquer, que tem elementos de variação como outra qualquer, nosso interesse pelo tema – a variação linguística em Libras – ganhou grande impulso.

Nesse sentido, consideramos fundamentalmente importante apontar neste trabalho, os motivos que nos influenciaram a estudar o tema sob análise, motivos os quais têm forte relação com os nossos primeiros contatos com a Libras. Assim, o primeiro contato que eu, acadêmica Hiasmine Lima, obtive com a Libras foi no 9º ano do Ensino Fundamental; na sala em que eu estudava havia um aluno surdo e uma tradutora-intérprete. Tanto o aluno surdo, quanto a tradutora-intérprete interagiam com os alunos ouvintes para que eles aprendessem a se comunicar em Libras. Por conseguinte, eu, acadêmica Carine Patrício, tive contato com a Libras em vários momentos de minha vida; o primeiro contato foi aos cinco anos de idade, quando a minha mãe começou a trabalhar com o que na época era chamado de Ensino Especial no município de Tarauacá – Acre; o segundo contato foi no ano de 2012, quando cursava Engenharia Florestal na Universidade Federal do Acre/Ufac, espaço em que fiz a disciplina optativa de Libras. Foi nesse segundo momento que surgiu o meu interesse pela língua, já que como nunca havia pensado em ser professora, o contato com a Libras na Ufac me motivou a fazer o Enem em 2018, para cursar Letras-Libras, resultando, desde então, nos primórdios de parte fundamental e importante do meu processo formativo, enquanto alguém que está se especializando nos estudos da linguagem e especializando-se na prática pedagógica para se tornar professora de Libras.

Já no curso de Letras-Libras, nós, Carine e Hiasmine, passamos a ter contato com os sujeitos surdos em suas diferentes comunidades, isso fez com que adquiríssemos conhecimento de variadas demandas sociais de movimentos surdos e de conhecimentos referentes à Libras no que tange à sua estrutura, à sua gramática, às suas características performáticas por ser uma língua de modalidade visuoespacial e aos fenômenos sociais permeados pelos diferentes usos que os usuários fazem da Libras.

Após a realização da disciplina de Sociolinguística, no 3º período do curso de Letras-Libras, cursamos a disciplina de Produção de Textos Acadêmicos em que desenvolvemos um artigo sobre a variação linguística em Libras; nessa disciplina, como os temas dos artigos eram pré-definidos pela professora e já tínhamos interesse em variação linguística, optamos por escrever sobre esse tema, fazendo com que o nosso interesse pelo assunto voltasse a fazer parte de nossos estudos. Quando estávamos fazendo levantamentos bibliográficos para o desenvolvimento do artigo, ainda para a disciplina de Produção de Textos Acadêmicos, observamos que havia

poucos artigos sobre o tema no Brasil, com foco maior em aspectos variacionistas lexicais, e não havia qualquer trabalho sobre o tema no tocante à variedade da Libras produzida no Acre, particularmente em Rio Branco, capital do estado. Embora já haja um crescimento de trabalhos em diferentes perspectivas da Libras, desde aspectos gramaticais a aspectos sociais, em relação a traços variacionistas, principalmente em várias partes do Brasil, muitas pesquisas ainda estão em desenvolvimento ou por ser desenvolver. Assim, consideramos importante apresentar, neste trabalho, por meio de uma pesquisa de base bibliográfico-exploratória, uma descrição e análise de alguns trabalhos acadêmico-científicos que são possíveis de serem identificados em bancos de dados de monografias, de dissertações e teses *on-line*, bem como em sites de divulgação científica como o Google Scholar.

Atualmente, várias pesquisas foram realizadas sobre a Libras, dando maior visibilidade à língua e, conseqüentemente, ao sujeito surdo que sofria/sofre muito preconceito e acaba sendo excluído do meio social. Esse é um dos fatores que fez com que o interesse pelo tema aumentasse a cada disciplina que fazíamos, mesmo que existissem/existem muitos mitos criados em relação à variação linguística (BAGNO, 2015).

Sendo assim, sabemos que as culturas têm muito peso em qualquer língua, não seria diferente na Libras, pois, existem fatores externos que tornam a Libras suscetível à variação e à mudança que trazem inovações para a língua, que podem ser eles: físicos, geográficos, ambientais e sociais. Quando um sujeito está inserido em determinado grupo social, ele passa a compartilhar hábitos desse grupo, em que crenças, expectativas e o conhecimento de cada indivíduo, pode, de alguma forma, interferir na produção linguística do indivíduo.

Dessa forma, esta monografia é uma contribuição para pesquisadores em formação ou para professores em formação ou que já atuam no ofício de ensino de Libras, que buscam ampliar seus conhecimentos acerca do tema e que tenham interesse em elaborar suas pesquisas na área. Principalmente em tempos turbulentos para a pesquisa científica, trazer pontos relevantes para desmistificar a variação linguística que ocorre na Libras pode ser um incentivo para mudanças, sobretudo, no ensino de Libras na Educação Básica e no Ensino Superior.

Assim, em uma perspectiva geral, este trabalho está subdividido da seguinte forma: Referencial Teórico apresentado na Seção I com as seguintes subseções: A Língua Brasileira de Sinais/Libras (2.1); Línguas em uso, Teoria da Variação e a

Libras; (2.2); e Mitos, preconceitos e o reconhecimento da Variação linguística (2.3). Na Seção II tem-se a metodologia da pesquisa desenvolvida, juntamente com a Caracterização da Pesquisa (3.1). E, por fim, na Seção III, são expostos os Resultados e a Discussão da pesquisa executada, finalizando esta monografia com a Conclusão, seguida pelas Referências que deram base às reflexões expostas neste trabalho.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para os estudos realizados acerca da Variação Linguística que se faz presente na Libras, podendo colaborar com novas pesquisas que possam sanar mitos e preconceitos na língua, contribuindo para uma melhor relação social entre surdos/surdos e surdos e ouvintes.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, discutiremos os aspectos teóricos sobre aspectos da variação em Libras que subsidiaram a pesquisa que foi desenvolvida e que deu origem a este trabalho.

### 2.1 A Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS

A Libras e suas variedades (QUADROS, 2019) é uma língua de modalidade visuoespacial diferente da língua portuguesa que é de modalidade oralauditiva. No ano de 2002, a Libras foi reconhecida como a língua das comunidades surdas brasileiras, sendo essa lei considerada um marco histórico para a comunidade e para movimentos surdos. A chamada “Lei da Libras” é fruto de reivindicações de movimentos sociais surdos, com o apoio das pesquisas linguísticas e pedagógicas desenvolvidas por estudiosos brasileiros. No entanto, no Brasil, a Libras ainda é uma língua pouco conhecida, por ser proveniente de uma comunidade linguística minoritária (SILVA, 2016). Nesse ínterim, a Libras é um dos principais meios de comunicação desenvolvida pelos sujeitos surdos, que, por conseguinte, compreendem o mundo por meio de experiências visuais. Esse modo de compreender o mundo, está associado às habilidades linguísticas próprias para a língua de sinais (JÚNIOR, 2011). Nas comunidades surdas, percebemos os diferentes níveis de compreensão da Libras pelos surdos e pelos ouvintes, que se comunicam por meio da Libras, com surdos e os surdos com ouvintes. Dessa forma, assim como o português, cujos sujeitos apresentam diferentes características de fala, mostrando a diversidade que é a língua portuguesa, a Libras também apresenta diferentes formas de expressão que pode variar a depender de contextos específicos de uso dessa língua, conforme explicam Oliveira, Silva e Campelo (2020):

Percebe-se que a comunidade surda é consideravelmente bastante heterogênea. Assim, almeja-se esclarecer que os surdos não são idênticos, só pelo fato de não escutarem. Ademais, o sujeito surdo pode ter tido contato com filosofias educacionais diferentes. É a língua que vai possibilitar o ser humano relacionar-se com o mundo. Por meio da língua será possível realizar essa interação com seus pares. A vida está intensamente ligada à comunicação (OLIVEIRA; SILVA; CAMPELO, 2020, p.12).



Para os autores do excerto acima, a língua seria um elemento de intermediação entre os sujeitos e o mundo. Concordamos com essa perspectiva, mas afirmamos que as línguas são muito mais do que elementos que promovem ou subsidiam comunicação; elas são os resultados de interações humanas e, por isso, são usadas pelos sujeitos para se colocarem no mundo, produzindo subjetividades diversas e formas de pertencimento. Quando os sujeitos surdos brasileiros usam uma das variedades da Libras, eles não estão apenas se comunicando, estão produzindo formas de existência em espaços sociais diversos (SOUZA, 2022).

Atualmente, devido à facilidade que temos em aprender ou conhecer línguas por meio da internet (SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010), tornou-se uma prática corrente a procura por vídeos que mostram diferentes realizações da Libras, produzidas por surdos e ouvintes. A tecnologia, até certo ponto, tornou-se uma aliada nas práticas de ensino de língua (gens) e ajudou, também de certo ponto, a ampliar os recursos para que pessoas que eram excluídas da aprendizagem de línguas pudessem ter mais acesso a materiais, por exemplo, em outras línguas. Contudo, as práticas sociais permeadas pela tecnologia não são recentes, como afirma Signorini e Cavalcanti (2010):

O uso pervasivo da mediação tecnológica em práticas cotidianas não é recente e nem pouco familiar a muitas tradições ocidentais de estudo da linguagem verbal e das linguagens não verbais (imagem, som, movimento). Isso porque os vários tipos de linguagem constituem desde sempre tanto os objetos técnicos propriamente ditos, quanto as práticas sociais que os produzem, os transformam e os tornam relevantes. Considere-se, por exemplo, as várias formas do escritural e do imagético em artefatos estudados por antropólogos, historiadores e também linguistas em suas tentativas de compreender a cultura, a língua, a escrita, o modo de vida de sociedades já desaparecidas ou mesmo contemporâneas. (SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010, p.420).

Tendo em vista a afirmação de Signorini e Cavalcanti, cabe nos refletir que a tecnologia, nesse sentido, vem influenciando também a pulverização da aprendizagem da Libras, independentemente se as diferentes formas de inserção da Libras na internet são boas ou ruins; isso não vem o caso, o importante é considerar que atualmente podemos abrir um site da internet e, lá, encontrar pessoas surdas ou ouvintes utilizando-se da Libras. Assim, ao observarmos algumas narrativas de sujeitos produzindo a Libras no site de compartilhamento de vídeos *Youtube*, detectamos diferenças na configuração de sinais, que podem ser exemplos de variação lexical na Libras; nesse site, é possível, por meio de pequenos exemplos,

observar a variação, atrelada aos diferentes recursos próprios da linguagem da internet que leva a semioses diversas (SIGNORINI; CAVALCANTI, 2010) que constitui a Libras em diferentes realizações. Contudo, embora, empiricamente, consigamos observar alguns elementos linguísticos em variação, sobretudo em espaços tecnológicos, Xavier (2010) alerta:

A discussão sobre a variação linguística em LSB [língua de sinais brasileira ou LIBRAS] não pode se resumir a apenas utilizar uma comparação dos processos de variação linguística que promove uma diversidade linguística e enriquecimento do vocabulário. A organização de estudos da variação linguística em LSB está relacionada à percepção do mundo e à construção de significados. Podemos dizer que, na LSB, encontramos uma condição linguística de grande complexidade, em decorrência dos processos de aquisição de língua, dos aspectos culturais e do impacto político e social desses aspectos na vida dos surdos. E esses fatores dependem ainda de outras variáveis: usos da língua, interlocutores proficientes, possibilidade de adquirir uma segunda língua, métodos formais ou informais de aprendizagem de segunda língua e a relação de cada sujeito com a LSB e a Língua Portuguesa. (XAVIER, 2010, p. 58).

De acordo com Xavier (2010), é muito importante compreender os elementos sociais promovedores de variação linguística, tendo em vista que as comunidades surdas são espaços de produção de culturas específicas e, por isso, a ação da linguagem sobre essa produção é intensa. Nesse sentido, é importante compreender, segundo Xavier, que simplesmente comparar dois elementos que aparentemente variam, sem levar em consideração os aspectos culturais envolvidos na concretização de uma possível variação pode se configurar em uma análise reducionista, que leva em consideração, somente, a estrutura da língua sob investigação.

## 2.2 Línguas em uso, Teoria da Variação e a Libras

A língua é uma forma de comportamento e, por isso, é usada por seres humanos ao expressarem uns aos outros suas ideias, anseios, necessidades e emoções (SILVA, 2020); dessa forma, o ser humano utiliza-se da língua (gem) para se exprimir e, portanto, para se socializar. Atualmente, o Brasil possui várias línguas, sendo o português a língua predominantemente usada, por meio de uma relação de poder em relação às outras, socialmente construída; essa quantidade de línguas se relaciona à vasta inter-relação entre culturas que o Brasil possui. Andrade (2013) afirma que toda língua tem a mesma grandeza, visto que, em toda e qualquer língua,

com um pequeno número de sons ou de sinais, no caso das línguas de sinais, as pessoas podem construir uma infinidade de expressões capazes de revelar, aos outros, suas diferentes formas de existir (SOUZA, 2022).

Ainda de acordo com Andrade (2013), o uso das línguas por sujeitos promove a conexão entre esses sujeitos e as diferentes esferas sociais em que estão inseridos. Nesse sentido, a área da Linguística, tradicionalmente conhecida como ciência da língua (*langue*) (SAUSSURE, (2021) [1916]) ao começar a compreender na contemporaneidade, sobretudo os estudos linguísticos de base social, a importância dos espaços sociais para o desenvolvimento das línguas e, por conseguinte, da influência cultural sobre os diferentes usos linguísticos, começou a construir ambientes de estudos que promovessem relações entre língua e sociedade, acarretando o que chamamos, na segunda metade do séc. XX, de Sociolinguística, cujo principal representante é o pesquisador norte-americano William Labov. Segundo Vargas (2017), a partir de diferentes estudos promovidos na Linguística, tendo em vista o uso social da linguagem, Labov apresentou uma visão mais sistemática dos aspectos linguísticos, compreendidos a partir do fenômeno chamado de Variação, entendendo que os espaços sociais em que os sujeitos estão inseridos podem interferir nos usos linguísticos. Nesse sentido, diferentemente dos estudos estruturalistas de base saussuriana, a Sociolinguística, pelo menos a conhecida como Sociolinguística variacionista, passa a compreender que o fenômeno da variação é sistemático e, portanto, estruturalmente reconhecido. A Sociolinguística passa a ser uma Linguística da Fala, no sentido de compreender que há uma base estrutural no componente linguístico que permite a inserção de aspectos sociais na sua constituição.

No livro *Sociolinguistic Patterns* (Padrões Sociolinguísticos) de 1972, Labov cita que desenvolveu pesquisas na ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos, em que observou como diferentes grupos sociais moradores da ilha produziam características de fala que, na perspectiva de Labov, estava relacionada ao espaço em que os sujeitos estavam produzindo a língua, além de outras características sociais presentes no momento de produção de fala. Assim, Labov constatou e, dessa forma, promoveu a ideia de que existem fatores sociais que podem influenciar variação na fala, mostrando que essa variação pode ser sistemática e não aleatória, como era preconizado nos estudos saussurianos (SAUSSURE, 2021 [1916]). Dessa forma, para a Sociolinguística, em sua vertente variacionista, a variação é vista como

princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada (SILVA; DIZEU, 2017). De acordo com Andrade (2013, p. 49), a teoria da variação:

[...]estuda a estrutura e a evolução de uma dada língua dentro do contexto social de uma comunidade linguística. Ela se define como um modelo teórico e metodológico que busca explicar empiricamente como as estruturas internas de uma determinada língua são submetidas a variações desencadeadas por fatores externos no uso linguístico real. (ANDRADE, 2013, p. 49).

Dessa forma, de acordo com o excerto do autor, podemos afirmar que a variação linguística é um elemento desencadeado por alguns fatores externos aos sistemas linguísticos - como gênero, nível de escolaridade, espaços ambientais etc. - e acrescentaríamos que existem elementos linguísticos, internos à organização de fala, que também podem promover variação nas línguas.

Do ponto de vista estrutural, a Variação linguística pode ser de cunho fonético-fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilístico-pragmática, ou seja, pode ocorrer em todos os níveis da língua (VARGAS, 2017). Por extensão, podemos refletir que na Libras, os elementos promovedores de variação também ocorrem, pois, a Libras, como uma língua, possui características linguísticas que podem variar a depender de fatores linguísticos ou não linguísticos. Assim, em uma perspectiva variacionista, pode-se entender que, com o passar dos anos, ocorre usos e desusos de traços linguísticos presentes nas línguas e, por conseguinte, da Libras.

Assim, os estudos voltados para a Linguística da Libras, principalmente no que concerne ao fenômeno da variação, são recentes. Historicamente, os estudos linguísticos eram baseados em línguas faladas e, desde o início dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, estão sendo estabelecidas novas perspectivas (GARCIA; GUIMBAL, 2018) de análise e novas propostas de se entender que línguas visoespaciais apresentam características diferenciadas das línguas orovisuais.

### 2.3 Mitos, preconceitos e o reconhecimento da variação linguística

Bagno (2008) nos diz que o “reconhecimento da variação linguística e sua estreita correlação com heterogeneidade social vêm mudando de modo radical as concepções de língua e de ensino de língua”. Isso nos mostra que a variação

linguística está diretamente ligada ao modo que uma determinada comunidade se comporta. Trazendo essa perspectiva, Karnopp (2006, p. 6-7) fala que:

Ao estudarmos as línguas de sinais, estamos tratando também das relações entre linguagem e sociedade. A linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, a comunidade linguística (no caso aqui investigado, a comunidade de surdos) se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. A essas diferentes maneiras de fazer sinais, utiliza-se a denominação de “variedades linguísticas” (KARNOPP, 2006, p. 6-7).

Embora possamos constatar, a partir do trecho de Karnopp acima que há formas de variações linguísticas existentes nas diferentes regiões do país, ou seja, constatar que as variações regionais são utilizadas por usuários da língua de sinais, sabemos que as variações mais disseminadas no país ainda são as dos estados de São Paulo e, sobretudo, do Rio de Janeiro, porque os dois estados têm grandes acervos que abrigam dicionários e glossários que mostram essas variedades de sinais, além de serem os estados socialmente considerados os mais importantes do Brasil, devido a implicações históricas de industrialização, refletindo em produções discursivas que valorizam os usos linguísticos desses estados. Inclusive, essa hegemonia das variedades paulistas e cariocas da Libras reflete-se também nas variedades orais do português, tendo em vista a influência que esses estados, por questões também históricas como já citadas, influenciaram as visões dos brasileiros sobre o português:

Numa entrevista à revista *Veja* (10 de set. 1997), Pasquale Cipro Neto disse que é “pura lenda” a ideia de que o Maranhão é o lugar do Brasil onde melhor se fala português. Ponto para ele. Infelizmente, continuando a tratar do assunto, não hesitou em afirmar que “no cômputo geral, o carioca é o que se expressa melhor sob a ótica da norma culta” [...] Faltam argumentos científicos rigorosos, por parte do entrevistado, que nos expliquem como chegou ao “cômputo geral” que lhe permitiu atribuir ao carioca uma expressão “melhor sob a ótica da norma culta”, nem com que critérios metodológicos chegou à conclusão de que o português paulistano é “esquisito”. O uso de expressões tão generalizadoras como “o carioca” (de que classe social, de que faixa etária, com que nível de instrução?) ou “a São Paulo que fala” (cerca de 20 milhões de habitantes na área metropolitana, duas vezes a população de Portugal!) acaba reforçando indiretamente (devido à influência inegável de quem as formulou como formadores de opinião) a ideia de que o falar carioca é “melhor” e digno de maior prestígio que os demais falares brasileiros - ideia que, no passado, levou até a se querer impor a pronúncia carioca como a oficial no teatro, no canto lírico e nas salas de aula do Brasil inteiro! (BAGNO, 2015, p. 74-75).

Neste excerto, Bagno faz referência ao que chama de mitos, mais particularmente o que elege lugares específicos do Brasil como retratos de lugares, cujos sujeitos seriam “os melhores falantes de português”. Nesse sentido, podemos fazer relação entre os mitos apontados por Bagno para o português e as suas variedades com diferentes percepções sobre a Libras, as suas variedades e os sujeitos que a usam. Assim como o preconceito linguístico, apontado por Bagno, assola as línguas orais, o mesmo pode acontecer com as línguas de sinais, tendo em vista o que o autor cita em relação ao fato de algumas línguas, ou variedades, serem mais valorizadas do que outras:

[...] qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como, por ex. a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem língua, apenas dialetos (BAGNO, 1999, p. 23-24).

Ainda que os sujeitos desenvolvam mitos sobre as línguas e, por conseguinte, desenvolvam preconceitos por meio dessas formas de se ver as línguas, podemos afirmar que os preconceitos sobre as línguas de sinais se intensificam, sobretudo quando elas são comparadas com línguas orais, ou seja, quando são produzidas por pessoas socialmente aceitas nos diferentes espaços, como os ouvintes, que, porventura, podem não ter um conhecimento mais técnico-especializado sobre línguas de sinais. Dessa forma, o pensamento de (SKLIAR, 1998 *apud* ANDREIS-WTIKOSKI; MAESTRI; OLIVEIRA, 2019, p. 3) faz-se necessário, em que o autor diz que “apesar da língua de sinais americana (ASL), nos Estados Unidos ser a terceira língua mais utilizada, ainda não possui o mesmo status que o espanhol, o chinês ou o francês”.

Nessa perspectiva, podemos perceber que a língua é qualificada não pela quantidade de pessoas que utilizam determinada língua, mas sim por fatores que fogem a qualquer tipo de argumento ou que tenha qualquer fundamento científico que embase uma máxima valorativa que leva à hierarquização de línguas; podemos, dessa forma, afirmar que as formas de variações linguísticas, seja em línguas de sinais, seja em línguas orais, passam pelo crivo social e, por isso, podem ser influenciadas pelas relações de poder às quais as sujeitas e os sujeitos sociais estão submetidos. Assim, neste trabalho, é de suma importância apontar/mencionar que a

variação linguística é um fenômeno que está diretamente ligado a todas as línguas. Nesse sentido, observa Bagno (1999, p. 27-28):

[...] a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais [...] todos os seus níveis de uso social, variação regional, social, etária, estilística etc. (BAGNO 1999, p. 27-28)

A variação linguística está ligada a vários fatores, pois existem comunidades que se utilizam de diferentes modos de falar e são essas diferenças que a Sociolinguística traz como conceito de variação linguística. Calvet (2002) diz que “essas variações linguísticas são geográficas e sociais”. Mussalim e Bentes (2006) afirma que:

A variação geográfica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que tem a ver com a identidade de falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala (MUSSALIM; BENTES, 2006, p. 34).

Depois do reconhecimento da Libras como língua, o status gramatical dessa língua ganhou reconhecimento e, por meio disso, Machado e Weininger (2018, p. 45) informam que essa credibilidade ocasionou a “disseminação dessa língua nos mais variados contextos, ampliando também a quantidade de sinais utilizados e gerando uma maior variação na realização desses sinais”.

Ainda em comparação às línguas orais, que possuem estratos gramaticais relacionados a aspectos fonético-fonológicos, sintáticos e morfológicos, as línguas de sinais apresentam grandes fatores para a produção de sinais e desenvolvimento de sinais, o que demonstra que, pelo menos no plano da expressão, as línguas de sinais precisam ser analisadas a partir de suas características. Nesse íterim, para que se tenha um maior entendimento das diferenças estruturais entre línguas orais e línguas de sinais, Machado e Weininger (2018) afirmam que:

[...] as línguas orais são fonoarticulatórias, em nível fonêmico possuem uma articulação para a pronúncia de cada som. Essa articulação equivale às formas como a mão se articula para a produção de cada sinal. Trazer as discussões apresentadas por Stokoe (querologia) e Labov (Sociolinguística variacionista) permite refletir sobre as equivalências e diferenças entre as modalidades das línguas orais e de sinais. Isso mostra uma visão que

considera a língua de sinais como língua de sistema próprio que deve ter seu espaço teórico preservado sem a necessidade de adotar, em todos os casos, os conceitos trazidos pelas análises das línguas orais (MACHADO; WEININGER, 2018, p. 48).

Para se refletir sobre os estudos ocasionados por uma perspectiva social da língua, a partir de meandros desenvolvidos na Sociolinguística, precisa-se trazer uma reflexão acerca da modificação da língua estudada no tocante ao que se compreende por linguagem humana, levando-se em consideração a forma com que os seres humanos utilizam as línguas e como se apropriam das mais variadas possibilidades de comunicação que os sujeitos conseguem produzir por meio das línguas (gens) humanas.

Machado e Weininger (2018, p. 53) informam que, nesse sentido, “investigar o uso da língua é também investigar a enorme variação linguística que decorre do seu uso particular”.

Muitos fatores influenciam as variações de uma determinada língua, como por exemplo, a classe social dos indivíduos, a idade (crianças, jovens, idosos), as questões de gênero sociais, aspectos religiosos, dentre outros aspectos sociais, como afirma Bagno (2015):

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino da língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se ela existisse apenas nos meios rurais ou menos escolarizados, como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (BAGNO, 2015, p. 16).

Tendo em vista o excerto acima de Bagno, e relacionando-o à Libras, podemos dizer que a Libras ainda traz muita complexidade no campo da variação linguística. Para que tenhamos uma maior compreensão sobre as formas de variação linguística nessa língua, é necessário um estudo de cunho histórico, trazendo um recorte da trajetória dos surdos, já que a Libras se efetiva nas comunidades surdas e



entender a formação dessas comunidades é fundamental para se refletir sobre as possibilidades de usos sociais inter-relacionados aos usos linguísticos.

O preconceito linguístico ocorre tanto nas línguas orais, quanto nas línguas de sinais. Dessa forma, precisamos, nós pesquisadoras e pesquisadores e professoras e professores, estar em constante observação para que não sejamos influenciados, mesmo que indiretamente, a reproduzir determinados preconceitos sobre as línguas. Segundo Klein e Pereira (2015), esses preconceitos ocorrem de maneira silenciosa e, nos espaços sociais em que estamos inseridos, são reproduzidos constantemente pelos meios de comunicação.

Assim, a variação linguística na Libras, assim como em qualquer outra língua, ocorre de maneira natural, tendo em vista que o sujeito surdo tem contato com vários tipos de sinalização e isso traz um leque maior de sinais. Machado e Weininger (2018, p. 54) discutem que o fato de a Libras estar presente em um país onde a maioria das pessoas usa a língua portuguesa e essa língua circular em todos os espaços, “faz com que o contato do sujeito surdo com a língua portuguesa interfira também em suas produções”.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentaremos a metodologia da pesquisa. Considerando os vários aspectos sobre a caracterização da pesquisa, na subseção 3.1 a seguir, referente aos objetivos e aos procedimentos utilizados durante a realização da pesquisa e os contextos e os procedimentos da pesquisa que deu origem a este trabalho na subseção 3.2, discutiremos os procedimentos de pesquisa que subsidiaram as reflexões que tecemos ao longo deste texto monográfico.

#### 3.1 Caracterização da Pesquisa

O presente estudo será norteado pelo método qualitativo, pois, como sugerem os conceitos estudados durante as disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, uma pesquisa de base qualitativa não pode ser interpretada por meio de quantificação. A partir dessa perspectiva de pesquisa este trabalho tem como base uma pesquisa que desenvolveu uma análise descritivo-analítico-qualitativo dos dados apresentados em textos de base acadêmico-científicas. Nessa perspectiva, Fernandes (2009) informa que os métodos qualitativos descrevem uma relação entre o objetivo e os resultados.

A pesquisa qualitativa se dá por meio da interpretação e esse tipo de pesquisa, segundo Creswell (2007), baseia-se em dados que não foram quantificados, o que possibilita um variado número de formas e configurações de dados para que sejam interpretáveis, a partir de diversas estratégias de investigação. Isso nos leva ao pensamento de Ludke e André (2013, p. 58):

A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso, ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações. É preciso dar o "salto", como se diz vulgarmente, acrescentar algo ao já conhecido. Esse acréscimo pode significar desde um conjunto de proposições bem concatenadas e relacionadas que configuram uma nova perspectiva teórica até o simples levantamento de novas questões e questionamentos que precisarão ser mais sistematicamente explorados em estudos futuros (LUDKE; ANDRÉ 2013, p. 58).

Tomando como ponto de partida que este trabalho se baseia em uma pesquisa bibliográfica e exploratória, objetivou-se apresentar um levantamento de alguns trabalhos acadêmico-científicos sobre a variação linguística na Libras, o que leva à configuração da pesquisa de geração de dados ser exploratória. Vergara (2004, p. 42) diz que esse tipo de pesquisa é realizado em áreas na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado; por sua natureza de sondagem, “não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa”.

Para complementar esse pensamento, Andrade (2001) diz que a pesquisa exploratória se configura como a fase preliminar, que busca proporcionar maiores informações sobre o assunto que vai se investigar. Além disso, para Severino (2017) não basta seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral da pesquisa, pois é importante considerar diferentes aspectos nos procedimentos de ação diante da produção de uma pesquisa. Apoiando-se no conceito básico de pesquisa descritiva, podemos dizer que esse é o tipo de pesquisa que descreve uma determinada realidade. Para Gil (1995), as pesquisas descritivas são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Segundo Lakatos e Marconi (1986), a pesquisa descritiva aborda quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais objetivando o seu funcionamento no presente. Além disso, para Munhoz (1989), esse tipo de pesquisa visa o conhecimento do comportamento sem necessariamente tecer análises sobre causas e efeitos, ou a tentativa de interpretação.

Nesse sentido, optou-se, devido à natureza deste trabalho, por uma pesquisa bibliográfica exploratória por meio de uma abordagem qualitativa de método descritivo. O estudo compôs-se de um levantamento de pesquisas acadêmico-científica que abordam a variação linguística na Libras, a partir de análises de alguns artigos científicos, tendo em vista que ainda são poucos os estudos sobre esse tema, embora, nos últimos anos, estejam em um número crescente.

### 3.2 Contexto e Procedimentos da Pesquisa

Como objeto de estudo para esta pesquisa, recolhemos vinte textos, entre eles, dissertações, teses, artigos etc. Todos os textos estavam voltados para o estudo da variação linguística.

Foi realizada uma leitura minuciosa de todos os textos para que se tivesse uma melhor compreensão sobre o assunto, o que nos levou, conseqüentemente, ao decorrer da leitura do material, a perceber as diferenças entre os textos estudados. Dessa forma, colocamos, no Quadro 1 abaixo, algumas informações relacionadas aos estudos em investigação, seguidas de dados que mostram algumas diferenças entre as propostas de estudos dos autores sob análise:

Quadro 1 – Diferenças de pesquisa

AUTOR	ANO	TIPO	PRÍNCIPAIS DIFERENÇAS
Vargas	2017	Dissertação	Teoria variacionista de Labov, foco no campo semântico família.
Silva	2016	Artigo	Utiliza autores nacionais, com foco somente em dois sinais “pai” e “mãe”.
Oliveira <i>et al.</i>	2020	Artigo	Observa a variação por meio do aplicativo Hand Talk e uma professora surda.
Monteiro	2019	Artigo	Utiliza os estudos de Molica; Braga (2004) no tocante a questões de variação do português que podem ser pensadas para a Libras.
Silva	2020	Dissertação	Critérios como sexo, e idade para analisar a variação lexical e fonológica de alguns sinais produzidos por surdos em Maceió.
Castro	2011	Dissertação	Variação com foco no léxico por meio de termos utilizados nos poderes legislativo e Executivo.
Silva; Dizeu	2017	Artigo	Embasamento em Labov e nos estudos de Mackee (2006); Em Mackee (2006) observam-se vários itens lexicais de campos semânticos distintos que sofrem variação em um ou mais aspectos fonológicos.
Andrade	2013	Tese	Utilizou-se parte da Lista de Swadesh.
Garcia; Guimbal	2018	Artigo	Discutiram as principais ideias apresentadas sobre variação em Libras.
Dantas	2018	Dissertação	Resgate histórico da Libras e a variação diatópica.
Klein; Pereira	2015	Artigo	Comparação entre sinalizações das regiões do estado do Rio Grande do Sul.
Andreis- Witkoski; Maestri; Oliveira	2019	Artigo	Desmistificação de alguns mitos em relação à língua brasileira de sinais e em relação à desconstrução de preconceitos linguísticos.

Continuação

Quadro 1 – Diferenças de Pesquisa

Continuação

AUTOR	ANO	TIPO	PRINCIPAIS DIFERENÇAS
Silva; Burgeile	2018	Artigo	Termo “trança” foi analisado como objeto da variação linguística em Libras.
Machado; Weininger	2018	Artigo	Estudo da variação linguística no uso dos sinais da Libras dos autores-tradutores surdos, baseado nas aulas online do curso de Letras-Libras da UFSC.
Monteiro	2017	Artigo	Estudo da comunidade e cultura surda para entender as variações linguísticas e as variações diastráticas encontradas na Libras.
Rodrigues; Silva	2017	Artigo	Questões da sociolinguística, como variação e mudança linguística, heterogeneidade e contato linguístico com a Libras em perspectiva.
Nascimento	2021	Artigo	Mitos e crenças sobre a Libras por meio dos regionalismos próprios em cada região do território brasileiro verificados por temas como: Matemática, Biologia e Português.
Oliveira; Marques	2014	Artigo	Estudo feito a partir de surdos que trabalham com o ensino da Língua materna, tentando mostrar se existem “erros” no estudo da variação linguística.
Zancanaro Júnior; Brenner	2013	Artigo	Estudo sobre princípios estruturalistas e variação linguística com aplicação na língua de sinais, baseada na teoria saussureana.
Xavier	2019	Artigo	Destaque nas semelhanças entre as línguas de sinais e as línguas orais.

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos observar no Quadro 1, há diferenças significativas em relação à análise dos dados apresentada pelos autores; essas diferenças foram levadas em

consideração na análise que propomos neste trabalho. Assim, retomaremos o Quadro 1, na Seção III, para traçarmos alguns pontos que destacamos desses trabalhos que nos permitem caracterizar uma espécie de perfil, em uma versão preliminar, de textos acadêmico-científicos que propuseram mostrar questões significativas no tocante ao fenômeno da variação na Libras e em suas variedades.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, discutimos os resultados da pesquisa, bem como as interpretações desenvolvidas a partir da análise dos dados.

### 4.1 Questões gerais sobre variação linguística

Alguns autores, principalmente de gramáticas chamadas e classificadas como normativas (BAGNO, 2012), entendem as línguas como entidades que não estão passíveis a mudanças ou a inserções de novos atributos complementares, fazendo da variação linguística “uma ameaça” que deixa a língua em desacordo com a norma culta, como afirmam Rodrigues e Silva (2017) abaixo:

Um dos principais valores associados à língua está presente fortemente na escola e, por conta disso, é assumido pela grande maioria dos falantes como sendo verdadeiro. Esse pré-conceito prevê que a língua é uma entidade homogênea e pura e está representada completamente nas gramáticas tradicionais e na obra dos escritores clássicos da nossa literatura. Expressões e palavras que estejam em desacordo com a norma prevista nessas obras consistiriam em uma ameaça à pureza da língua. Essa ameaça pode se configurar tanto em estruturas observáveis na fala e na escrita de brasileiros e identificada como um erro ou desvio em relação àquilo que é convencionalmente chamado de norma culta, quanto em palavras e expressões estrangeiras. Nos dois casos, esses usos são condenados por gramáticos tradicionais, cabendo à escola a sua "correção" (RODRIGUES; SILVA, 2017, p. 693).

De acordo com o exceto acima, as variações possíveis nas línguas não são percebidas ou são negadas tendo em vista uma perspectiva de linguagem específica. Desse modo, as diferentes questões pelas quais os usuários de línguas podem passar, muitas delas de fundo social, que levam a usos linguísticos variados, podem ser vistas como formas deturpadas de usos das línguas. Dentre alguns dos elementos sociais que promovem variação nas línguas está o fator histórico que leva as línguas a processos de modificação (OLIVEIRA; MARQUES, 2014, p. 88).

Assim como nas línguas orais, as línguas sinalizadas também recebem influência histórica (variação diacrônica) que é repassada por cada geração. Nesse sentido, os tipos de elementos linguístico-sociais que influenciam a promoção de variações nas línguas são: diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica.

As variações diastráticas são aquelas que se dão no meio social, ou seja, a partir do vínculo do sujeito com determinada comunidade. Já as diatópicas são as

variações que ocorrem nas diferentes regiões de um país, por exemplo, um sinal que pode ter diferentes significados entre as regiões norte e nordeste. Ainda sobre a variação diatópica, Zancanaro e Brenner (2013) falam que a forma de falar e de usar línguas de sinais de cada indivíduo varia de acordo com a região geográfica e que cada uma das cinco regiões brasileiras apresenta um sistema específico de fala. Esses dialetos se tornam facilmente identificados pelos falantes/usuários, ou seja, distingue-se sem dificuldades a fala e a sinalização de um gaúcho, de um paulista, ou de um outro brasileiro (ZANCANARO; BRENNER, 2013, p. 8). A variação do tipo diacrônica é a que ocorre entre as gerações; um exemplo que podemos utilizar são as formas de sinalizações de um surdo mais velho com a de um indivíduo surdo mais jovem que utiliza redes sociais. A variação diafásica refere-se à formalidade e à informalidade de usos linguísticos, ou seja, no ciclo de amigos utilizamos gírias e palavras americanizadas, isso torna a comunicação mais informal, em casos de trabalhos científicos ou ambientes que exigem o uso formal da língua, como: universidades, tribunais, programas de TV utiliza-se formas mais monitoradas da língua.

Xavier (2019) discute uma outra perspectiva quanto à variação linguística, já que as línguas sinalizadas trazem alguns empréstimos linguísticos das línguas orais. Para Xavier, a condição de língua minoritária das línguas sinalizadas e o constante contato com as línguas orais majoritárias favorecem a incorporação de elementos dessas por aquelas. Essa incorporação, chamada de empréstimo linguístico, tipicamente envolve itens lexicais (XAVIER, 2019, p. 51). Assim, para Xavier, os empréstimos linguísticos seriam elementos promovedores de variação linguística.

Nessa perspectiva, entendemos as línguas de sinais como uma língua que aceita empréstimos, mas ainda assim é uma língua própria. Como afirma Gesser (2009), “mas isso não quer dizer que as línguas de sinais tenham suas origens ou raízes históricas nas línguas orais”. (GESSER, 2009, p. 38)<sup>1</sup>.

Exemplificando com um caso de variação diatópica, temos o estudo de Klein; Pereira (2015), em que as autoras fazem um resgate histórico na região Sul do país,

---

<sup>1</sup> As línguas orais têm estruturas que são organizadas por meio de elementos constituintes que, no caso da fonologia, Machado; Weininger (2018, p. 48) explicam que a estrutura fonológica “organiza a estrutura abstrata dos sons da língua”. Dessa forma, a articulação dos signos auditivos e visuais também são organizados pela fonologia, que no caso das línguas de sinais têm relação com a querologia. Assim Machado; Weininger mostram que a “Querologia é a ciência que trata da organização abstrata dos movimentos e posicionamentos das mãos nas línguas de sinais”.



mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, que segundo elas sofreu uma grande influência alemã, italiana, polonesa, etc. Segundo Klein e Pereira (2015, p.1):

Constata-se que, mesmo com tantas influências criamos costumes e hábitos nossos e que influenciaram e continua influenciando a construção da linguagem e no uso de sinalizadores da Língua brasileira de Sinais- Libras, criando uma cultura própria e diferente nos costumes, na música, na gastronomia, no jeito de viver, etc. (KLEIN; PEREIRA, 2015, p. 1).

É válido ressaltar que por mais que um lugar sofra influência de variados fatores, as variedades linguísticas ainda possuem idiossincrasias.

#### 4.2. Os trabalhos sob análise

De maneira geral, observamos nos trabalhos acadêmico-científicos sob análise que em alguns anos atrás, os estudos sobre a linguagem ainda eram limitados às línguas faladas e, desde o início dos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, estão sendo estabelecidas novas perspectivas (GARCIA; GUIMBAL, 2018, p. 9) em que, por exemplo, é possível refletir sobre variação linguística em línguas de sinais. Silva e Dizeu (2017) trazem essa questão, cujos itens lexicais de campo semânticos distintos sofrem variação. Então com o surgimento dos estudos dentro das línguas de sinais voltados para a variação linguística abre-se um campo novo a ser explorado. A partir disso, a variação que ocorre na Libras se torna objeto de pesquisa e alguns trabalhos são publicados como esses, presente nessa pesquisa. Em uma única língua, podemos encontrar diferentes formas de usos e isso caracteriza a variação linguística (JÚNIOR GLÁUCIO, 2011, p. 62), pois se em línguas orais existem várias palavras com significados que se inter-relacionam, nas línguas de sinais não seria diferente.

É bastante comum quando se está no processo de aquisição e de aprendizagem<sup>2</sup> de línguas de sinais, aprender as variantes existentes de um mesmo sinal, ou ver um surdo fazer dois sinais para uma única palavra. Socialmente, quando estamos no processo de aprendizagem da Libras, nós ouvintes, por exemplo, autoras deste texto, podemos considerar que a sinalização tem que seguir um padrão, que

---

<sup>2</sup> Entendemos, neste trabalho, que o processo de aquisição de línguas é natural, envolvendo conhecimento linguístico de maneira inconsciente; por conseguinte, a aprendizagem de línguas perpassa ações sociais específicas, com acesso direto a gramáticas de línguas de maneira consciente.

tem de se usar uma única forma de sinal, porém a Libras é uma língua em uso e, portanto, ela segue as dinâmicas sociais de seus usuários, portanto, a Libras, assim como outras línguas de sinais, é mutável; então a variação sempre vai se fazer presente. É provável que a crença na plausibilidade de discursos que homogeneizam as línguas de sinais, seja resultado do preconceito remanescente de que essas línguas não seriam composta por sinais e sim meros gestos icônicos (ANDREIS-WITKOSKI; MAESTRI; OLIVEIRA, 2019, p. 6), ainda que muitos estudos tentem desmitificar essa crença, muitas pessoas ainda mencionam a Libras como um “jogo de imitação” simplesmente por achar que os sinais, somente, representam imagens, que os sinais partem, somente, do princípio da iconicidade<sup>3</sup> representações de imagens, ou seja, a iconicidade.

Embora alguns sinais tenham a iconicidade, precisamos entender que isso não é uma regra ou seja não é uma referência ao significado do que está sendo sinalizado, como explica Monteiro (2017):

Muitas pessoas podem acreditar que os sinais usados na Libras sejam como desenhos daquilo que representam feitos com as mãos. Entretanto, embora alguns sinais sejam, de fato, uma representação que tem características do significado que pretendem expressar, em geral, os sinais da Libras não mantêm relação com seu referente. (MONTEIRO, 2017, p. 197).

Com o passar do tempo podemos ver uma variante em Libras deixar de ser usada; a instalação de uma nova variante é progressiva e, entre dois dos estágios de transição, podem-se perceber questões sobre a forma como a variante passa de um indivíduo para outro e de um contexto para o outro (ANDRADE, 2013, p. 48). Quando uma determinada variante começa a ser usada pelos usuários de Libras, ela passa a ser utilizada por comunidades surdas por meio de divulgação e de interação da língua. Assim, a “nova” variantes passa a chegar em mais pessoas. Pelo que observamos nos trabalhos que estão sob discussão neste trabalho normalmente, os usos de variantes linguísticas ocorre por influência de algo na sociedade, seja mudanças nas comunidades surdas em que os sinais são usados devido à influência tecnológica, por

---

<sup>3</sup> O princípio da iconicidade em línguas de sinais refere-se ao fato de que os usuários dessas línguas constroem sinais a partir de uma dada realidade com a qual tem contato. Contudo, vemos que, assim como as línguas orais, a língua de sinais, no caso deste trabalho a Libras, apresenta sinais - assim como todos os sinais são representações de signos linguísticos -, em que não é possível estabelecer elementos que levem a uma caracterização icônica. Entre outras palavras, os sinais também seguiram as características da arbitrariedade do signo linguístico (SAUSSURE, 2021, [1916]).

exemplo, ou por a inserção de novas formas de usos que até então não se faziam presentes.; os sinais vão mudando e alguns deixando traços de iconicidade que antes se fazia bastante presente nos sinais.

Com os dados expostos nos trabalhos sob análise, podemos observar que o viés da variação linguística é recente, no entanto, percebemos que, nas últimas décadas, os estudos acadêmicos relacionados ao fenômeno da variação linguística na Libras cresceram absurdamente, consequência da crescente visibilidade que a Libras e suas variedades vêm recebendo que acarreta o desenvolvimento de trabalhos que procuraram investigar as características sócio gramaticais que a caracterizam como língua.

No estudo de Vargas (2017), a partir da perspectiva variacionista de língua, foi realizada uma análise sobre o campo semântico “família” nas cinco regiões do Brasil e os resultados obtidos foram que, referente à pesquisa, alguns sinais sofreram variação no campo semântico em todas as regiões e outros não. A autora mostra explicitamente em quais locais a variação dos sinais do campo semântico sob investigação ocorrem, apresentando um número satisfatório de variações existentes dos sinais analisados e em qual região se utiliza cada sinal. Vargas (2017) informa que a variação entre faixas etárias é perceptível na Libras, pois surdos mais velhos sinalizam de uma forma, e com o passar do tempo, os sinais sofrem processos de variação que podem levar a mudanças estruturais e de usos linguísticos; devido a essas variações, os surdos mais jovens podem apresentar sinalizações diferentes das gerações anteriores. Outro fator extralinguístico importante que desencadeia a promoção de variação na Libras, segundo Vargas, são as diferenças entre os gêneros sociais que, tradicionalmente, nos estudos variacionistas, são chamados de sexos em uma perspectiva binária: homem e mulher. Ainda que a maioria dos estudos em relação à variação linguística que ocorre na Libras estejam voltados para o fator sexo, em que ficam evidentes os olhares sobre a diferenças entre o que a sociedade brasileira entende por homem e mulher em uma perspectiva binária, Vargas afirma: “com relação à variação sexual ou à diassexual, a diferença é marcada geralmente com relação ao autoritarismo e a valorização do sexo masculino, é o oposto observado em relação as mulheres” (VARGAS, 2017, p. 67).

Enquanto o estudo de Vargas (2017) centrou-se nos sinais da Libras que compõem o campo semântico família com vários sinais relacionados a essa configuração semântica, Silva (2016) direciona o seu olhar somente para dois sinais

presentes nesse campo semântico, de forma que em seu trabalho, a autora faz a utilização apenas de autores nacionais para ter embasamento sobre os estudos ligados à variação linguística. Silva (2016) fez uma análise dos sinais “pai e “mãe” em Florianópolis – Santa Catarina, cujo principal resultado obtido foi que essa variação ocorre devido à idade dos sinalizantes, o que levou Silva a concluir que o fator idade é um elemento promovedor de variação entre os dados analisados na comunidade de fala em destaque. Silva (2020) afirma que alguns surdos mais velhos não aprendem sinais desenvolvidos por gerações mais novas, porque não têm contato e, por isso, não utilizam os recursos tecnológicos comuns na contemporaneidade; dessa forma, idosos apresentam uma sinalização mais específica em relação aos aspectos culturais que produzem e com os quais têm contato. Esse acontecimento entre gerações mais antigas é comum entre esses indivíduos, por exemplo, que moram em regiões mais afastadas das cidades consideradas grandes centros urbanos, ocasionando algumas barreiras linguísticas que poderiam ser sanadas, em parte, com o uso da tecnologia.

A pesquisa de Oliveira *et al.* (2020) se refere a uma análise da variação dos sinais apaixonar, achar e reprovar. Para o desenvolvimento da análise, as autoras constataram uma professora surda que colaborou com a pesquisa, para se observar se a professora em questão entendia os exemplos de variação sob análise; para o trabalho, Oliveira *et al.* também observaram se o aplicativo *Hand Talk* apresentava exemplos de variação sobre os sinais dos verbos apaixonar, achar e reprovar. De acordo com as autoras, tanto a professora surda, quanto o aplicativo *Hand Talk* identificam variação no uso dos verbos em tela, mostrando que, a depender da situação, uma variante é mais usada do que a outra. Inclusive, Oliveira *et al.* observaram que o sistema de escrita de língua de sinais, *SignWriting*, também identifica símbolos que registram algumas variações para os verbos analisados.

A partir do trabalho de Oliveira *et al.* (2020), observamos que o uso de um recurso tecnológico como o *Hand Talk* é uma inovação tecnológica que contribuiu com a amenização das barreiras linguísticas, principalmente com os estudos referentes à compreensão dos diferentes usos da Libras. Nesse sentido, Oliveira *et al.* informam o seguinte em relação à análise que propuserem sobre a variação resultante dos usos dos verbos apaixonar, achar e reprovar:

O aplicativo tem se revelado como um grande potencial inclusivo nos diversos contextos sociais em aspectos de interação e ampliação de vocabulários

tanto na Libras, para surdos e ouvintes, quanto na Língua portuguesa, como segunda língua para sujeito surdo. (OLIVEIRA *et al.*, 2020, p. 7).

Podemos concordar com o apontamento de Oliveira *et al.* acima em relação à ideia de que o aplicativo age como um facilitador da interação entre surdos e ouvintes ou até mesmo facilita a aprendizagem da Libras como L2. Nesse processo de aprendizagem da Libras como L2, são visíveis as variações, pois utilizando o aplicativo, percebemos que alguns sinais têm variação em um dos parâmetros da Libras; um dos parâmetros que mais sofre variação é a configuração de mãos, que marca a diferença na maioria das variantes de um sinal (OLIVEIRA *et al.* 2020, p. 16).

Dessa forma, os recursos tecnológicos e as redes sociais servem para diminuir as distâncias entre os usuários de Libras, além, também, de aumentarem as possibilidades de aprender novas possibilidades linguísticas dessa língua de sinal por meio de uma maior relação com as comunidades surdas brasileiras. Nesse sentido, de acordo com Nascimento (2021, p. 5), as inovações tecnológicas influenciam, dentre outras coisas, os usos linguísticos possíveis, sobretudo se a língua utilizada for uma língua de sinal. As redes sociais servem também como facilitadoras de divulgação de novos sinais e gírias entre as comunidades surdas de diferentes regiões, isso ocorre porque a tecnologia pode permitir que pessoas de lugares distintos consigam se comunicar com mais facilidade e aprender outras línguas e suas respectivas variedades.

O trabalho de Monteiro (2019) analisou os sinais das proposições **sobre** e **contra**, e, para tanto, utilizou-se dos estudos de Mollica e Braga (2004) que consiste em mostrar as circunstâncias linguístico-sociais que as variações acontecem. Com base em Mollica e Braga, Monteiro atribuiu as variações que se fizeram presentes nos sinais aos fatores idade, sexo e escolaridade, obtendo o resultado de que os sinais sofrem variação em pelo menos em um dos parâmetros da Libras. Dessa forma, podemos perceber que enquanto um estudo utiliza um recurso mais tecnológico e pouco conhecido como o *Hand Talk* como forma de comparação (OLIVEIRA *et al.* (2020), discutido no parágrafo anterior, o estudo de Monteiro utiliza o próprio sujeito surdo como identificação das variações constatando, assim, que o fenômeno da variação é um atributo ativo da Libras e recorrente nos diferentes usos que os sujeitos fazem dela, cuja interferência de traços sociais é um elemento a se considerar nas análises linguístico-estruturais que consideram a Libras como espaço de investigação para interpretações científicas.

Para Monteiro (2020), a escolaridade é um fator importante de interferência sobre os usos linguísticos. Segundo a autora, quando fazemos uma análise dos fatores extralinguísticos sobre as línguas, percebemos que a escolaridade promove consequências visíveis para a variação linguística, ou seja, o grau de escolaridade pode acarretar diferenças para o uso da língua. Monteiro (2020) acredita que existem categorias para explicar a variação linguística diante do fator extralinguístico da escolaridade. Uma delas é a divisão entre a variedade considerada de prestígio e uma possível “variedade mais neutra” que é perceptível observar em contextos mais formais, em posições sociais consideradas mais elevadas<sup>4</sup> outras categorias são usos linguísticos realizados por pessoas com baixa escolaridade por não terem tido oportunidade de conhecer registros mais formais de uso das línguas que podem levar à formação de estereótipos diante daquilo que é produzido. As falas de pessoas não escolarizadas, o que podemos relacionar à sinalização de surdos mais pobres, são vítimas de estigmatização que, volta e meia, é criada por meio da postura de pessoas da sociedade civil, além de humoristas e de professores que desconhecem ou não consideram relevante os debates relacionados às diversidades linguísticas.

Monteiro (2019) complementa que as mulheres em sua grande maioria tendem a ter um padrão linguístico “mais conservador” que tem relação com as questões sociais envoltas das mulheres ou do que a sociedade entende pela categoria mulher ou da forma como as mulheres devem se comportar, inclusive do ponto de vista dos usos sociais das línguas. Nesse sentido, as mulheres, desde a tenra idade, são reguladas na forma de se vestir, de se expressar, nas diferentes maneiras de se comportar no tocante às diferentes sexualidades possíveis e também nas formas linguísticas que utilizam nos espaços sociais (LAKOFF, 2004). Em relação aos usos linguísticos, as mulheres, que, do ponto de vista estatístico estão estudando mais do que os homens<sup>5</sup>, são ensinadas a “falar bem”, a falar “de forma padronizada”, a falar de acordo com o considerado correto do ponto de vista ético, ou, até mesmo, o que não falar, como por exemplo ser considerado um ato de malcriação ou deselegante mulher falar palavrões. Por conseguinte, em relação ao gênero masculino,

---

<sup>4</sup> Em sociedades com graves problemas sociais, principalmente no que se refere à educação como a brasileira, a hierarquização linguística, em que classes sociais mais altas e, portanto, mais valorizadas se veem e são vistas como “bons falantes de línguas”, enquanto os mais pobres são vistos como os que falam “vícios, gírias ou algo que não pode ser uma língua”, é um elemento a se considerar nos estudos variacionistas.

<sup>5</sup> Os dados estatísticos que mostram que mulheres estudam mais do que os homens estão disponíveis na reportagem do site Manual do Homem Moderno, disponível em: consultado em 09/03/2022.

percebemos que determinados usos linguísticos que são renegados nas falas de mulheres, são valorizados e até incentivados quando os falantes são homens. Assim, percebe-se, segundo Monteiro (2020), que há também a existência de uma supervalorização linguística em relação aos homens, enquanto as mulheres são cobradas, reguladas para falar “correto” ou bem; os homens não sofrem cobrança sobre isso o que propicia que, entre os homens, determinados usos linguísticos são considerados “normais”.

No tocante às questões relacionadas aos gêneros e usos sociais na Libras, os mitos relacionados aos sexos, tendo em vista os gêneros sociais serem socialmente produzidos em discursos hegemônicos<sup>6</sup> vistos por meio dos sexos biológicos (BORBA, 2015), também é usado para subsidiar trabalhos em uma perspectiva variacionista. Nesse íterim, alguns desses trabalhos entendem que as sexualidades não apresentam diversidades. Essa visão foi base, e ainda é, de trabalhos na área de Sociolinguística Variacionista, que entendem/entendiam que o fator social sexo era considerado relevante para a promoção de variação linguística. A visão homogeneizada dos gêneros sociais ainda é muito forte, tendo em vista que até mesmo os trabalhos acadêmicos-científicos mais recentes na Libras ainda trazem pesquisas que utilizam os termos homem e mulher, sem qualquer problematização.

Os estudos relacionados à variação linguística em língua de sinais, com foco na Libras, ainda se pautam em uma perspectiva binária das sexualidades, sendo usada como elemento de referência e marcador de influência sobre as línguas de sinais. Todavia, a visão binária das sexualidades<sup>7</sup> (BUTLER, 2003) está sendo discutida ao longo do tempo, em que trabalhos como o de Vargas (2017) e de Monteiro (2020) já apresentam uma discussão mais aprofundada referente aos usos linguísticos de mulheres sinalizantes de Libras que não partem, especificamente, de compreensão dos gêneros masculinos e femininos por meio de uma visão unilateral. Vargas e Monteiro seguem uma tendência de trabalhos que não veem mais a sociedade composta, somente, homens e mulheres subjugados por suas genitálias.

Outro estudo que utilizou alguns dos fatores que consideraram a Teoria da Variação como um elemento relevante para interpretação de dados da Libras foi o

---

<sup>6</sup> Entendemos como discursos hegemônicos, discursos que são socialmente aceitos e, portanto, naturalizados, sendo, dessa forma, compreendidos como normais.

<sup>7</sup> Segundo Butler (2013), o binarismo é a perspectiva discursiva que entende que os gêneros sociais e as sexualidades são organizados em apenas dois paradigmas: o masculino e o feminino, tendo as genitálias (pênis e vagina) como marcador de sociabilidades.

trabalho de Silva (2020) que identificou que as características sociais sexo e idade são fatores importantes que proporcionam variação lexical e fonológica nos dados sob interpretação produzidos no município de Maceió - Alagoas. Ao longo do estudo, Silva mostrou que alguns sinais da Libras, variedade da cidade em questão, apresentam forte influência das características sociais dos ambientes em que os sinalizantes estão inseridos. Nesse sentido, Silva considera que fatores sociais, classicamente tratados pelos estudos variacionistas, sobretudo no Brasil, como questões que envolvem o que o autor chama de sexo e idade, são motivadores de variação. Como se trata de um estudo que levou em consideração um recorte histórico-temporal, Silva discute que os dados precisam ser ampliados para que sejam confirmadas algumas informações tecidas em seu trabalho. Porém, em outra pesquisa podemos observar termos utilizados nos poderes legislativo e executivo e as variantes presentes no léxico deles como eixo de pesquisa de Castro (2011), que obteve como resultado as variações sofridas por esses sinais e quais e quantas variantes e em quais parâmetros estava presente a variação.

Castro (2011) utilizou termos da terminologia da política brasileira, buscando analisar e identificar variantes e variantes-padrão para investigar se a variação linguística ocorre de forma natural na Libras ou se ocorrem porque tiveram interferência da língua portuguesa. A exemplo do estudo de (CASTRO, 2011, p. 14):

[...] não se deve ter como comparação o que muitos pesquisadores, ao tratar do tema, fazem, que é considerar a variação linguística em LSB com base nos estudos já realizados em Língua Portuguesa. Isso é uma tentativa de estudar ou aproximar a LSB da modalidade Língua Portuguesa. Acreditam que assim o surdo, aprenderá, escreverá em português, e justificam a primeira como a segunda, como se as duas línguas fossem sistemas equivalentes, e não o contrário. Diante dessa problemática para o estudo de uma língua, o pesquisador linguista necessita estar ciente de alguns mecanismos de domínios e representações de determinadas línguas em suas análises, bem como compreender a evolução de cada língua. (CASTRO, 2011, p. 14)

Dessa forma, para que ocorra uma melhor compreensão da variação linguística na Libras, precisamos primeiramente focar em estudos acerca do tema para que não ocorra uma compreensão distorcida do que a língua de sinais nos fornece.

A partir da perspectiva variacionista laboviana e, também, por meio do trabalho de Mackee e Mackee (2006), Silva e Dizeu (2017) analisaram 50 sinais de cinco categorias semânticas que estão presentes na Libras, tais como: alimento,



animal, cor, meio de transporte e vestuário, que obteve como resultado as variantes dos sinais presentes em pelo menos três parâmetros da Libras e a porcentagem que os fatores sexo, escolaridade e idade contribuem para essa variação. Silva e Dizeu (2017) complementam que mesmo depois de vinte anos do reconhecimento da Libras como língua, vários mitos ainda ocorrem em relação à estrutura e aos usos sociais dessa língua. Embora as línguas de sinais sejam reconhecidas como língua, quando surgiu um sistema de notação que pudesse representar a estrutura de seus sinais, como modelos para o registro de sinais, o reconhecimento da Libras foi tardio o que ocasionou o adiamento de pesquisas sobre essa língua.

Andrade (2013) utilizou em sua pesquisa a lista de Swadesh<sup>8</sup> que consiste em uma proposta de vocabulário com exemplos de línguas orais; A ideia, no trabalho de Andrade, foi fazer um levantamento de sinais, nos moldes da lista de Swadesh, para se observar elementos de variação nesses sinais entre surdos do estado da Paraíba. Esse estudo piloto contava com 133 palavras, porém ao mostrar essas palavras/imagens aos integrantes surdos, algumas dificuldades surgiram como entender de fato qual sinal era para o surdo sinalizar ou os surdos envolvidos na pesquisa não conheciam as palavras propostas na pesquisa. Outro obstáculo encontrado foi a policomponencialidade dos sinais a que Andrade se refere “ao fato de que o sinal de determinada palavra pode ser modificado em função do contexto em que está sendo empregado. (ANDRADE, 2013, p. 76) Depois de todas essas dificuldades, o estudo foi feito com 60 palavras como pronomes, partes do corpo entre outros, sendo 16 participantes de pesquisa. O resultado da pesquisa mostrou que cerca de 99,16% das palavras sinalizadas apresentavam variação de parâmetros dos sinais influenciada por fatores sociais como região geográfica, sendo o fator sexo e idade não relevantes para os dados sob análise. Andrade (2013, p. 88) afirma que:

A variável sexo tem sido referida, pela maioria dos estudos como sendo a mais fraca entre as três variáveis independentes consideradas neste estudo, concordando com os dados deste estudo, em que não foi verificada qualquer diferença estatisticamente significativa nos grupos de variáveis linguísticas (ANDRADE, 2013, p. 88).

---

<sup>8</sup> A Lista de Swadesh, proposta pelo norte-americano Morris Swadesh, é um vocabulário em que há exemplos de várias línguas orais, por meio da proposta metodológica de análise linguística histórico-comparativa chamada glotocronologia. Por meio dessa lista, algumas possíveis universalidades entre estruturas das línguas foram refletidas, desenvolvidas e propostas.

Em relação ao fator idade, os participantes acima de vinte anos sinalizam de forma diferente aos participantes com mais de vinte anos; já o fator região geográfica foi significativamente notório entre os surdos de João Pessoa e Campina Grande. Levando em consideração as características do léxico que compõem o vocabulário que Swadesh analisou, Andrade analisou a complexidade de exemplos variacionistas observados em parâmetros (aspectos fonológicos) da Libras.; os resultados obtidos foram a variação nos parâmetros dada à complexidade dos sinais.

Garcia e Guimbal (2018) discutem os principais trabalhos e ideias já apresentados referente à variação linguística na Libras. Para os autores, os trabalhos por eles analisados apresentaram e, conseqüentemente, destacaram que o fenômeno da variação linguística é recorrente no processo de aquisição da Libras, tendo em vista os ambientes e as culturas em que os sinalizantes estão inseridos; Garcia e Guimbal afirmaram que é muito importante que novos estudos sobre a aquisição da Libras sejam desenvolvidos para que se tenham resultados satisfatórios para uma compreensão de como indivíduos são influenciados por fatores sociais no momento da aquisição de seus conhecimentos linguísticos.

Dantas (2018) analisou a possibilidade de modificação nos usos de sinais nas cidades de Macaé e Rio de Janeiro, ambas localizadas no estado do Rio de Janeiro. Segundo a autora, alguns sinais, ao longo do tempo, modificaram-se em relação a usos anteriormente realizados. Dantas afirma que no município do Rio de Janeiro a sinalização é mais rápida com expressões faciais muito marcadas, enquanto no município de Macaé a sinalização é “mais calma”. Dantas (2018) é resultado de uma pesquisa com o intuito de se fazer um resgate histórico da Libras e do surgimento de suas variantes nos municípios Rio de Janeiro e Macaé. Dantas se refere aos estudos realizados sobre os surdos e seus usos linguísticos em Macaé que propunham padronizar a sinalização desses usuários para que os seus usos linguísticos fossem igualados ao que se entendia como padrão, que eram as formas de sinalização desenvolvidas por surdos cariocas. Ainda de acordo com a autora, antes de estudos próprios sobre línguas de sinais em Macaé, considerava-se que os surdos desse município não “tinham uma sinalização própria e sim gestos soltos”. Após feito esse resgate histórico da Libras, o próprio sinal de Libras, em Macaé, sofreu variação, destacando-se o fato de que nesse município usa-se um tipo de Libras, que se remete a uma perspectiva variacionista de língua, pois até hoje aprendemos o sinal e suas variantes. Dantas, ao citar Silva Burgeile (2018), informa as variações que ocorrem

tanto em Macaé, quanto no município do Rio de Janeiro enriquecem o vocabulário da Libras, sendo assim, a variação de certa forma traz riqueza às línguas. A constatação de Dantas é importante, tendo em vista que a Libras sofre vários mitos e preconceitos. As pesquisas científicas variacionistas com base na Libras e em suas variedades podem diminuir os preconceitos sobre os seus usuários, dando a elas *status* sociais favoráveis.

## 5 CONCLUSÃO

Para o encerramento deste trabalho, que seria um primeiro olhar sobre trabalhos acadêmico-científicos que analisam o fenômeno de variação na Libras, é necessário salientar alguns pontos que consideramos válidos durante toda a trajetória da pesquisa bibliográfico-exploratória que deu origem a este trabalho, no que se refere aos obstáculos que encontramos; consideramos que a principal dificuldade para a realização das considerações que tecemos ao longo deste estudo foi encontrar textos sobre a Variação Linguística, seja nas línguas orais faladas, bem como das variedades de línguas de sinais que são produzidas neste estado. Não identificamos qualquer trabalho sobre o fenômeno da variação com base em dados gerados no Acre o que nos enseja a pensar que se faz fundamentalmente necessários refletir sobre possibilidades de pesquisa com base nesse tema para que seja possível conhecer as diferentes formas de usos da Libras e de suas variedades no estado do Acre.

Dessa forma, para se refletir sobre o tema em tela, precisamos recorrer a textos de autores de alguns estados brasileiros, percebendo também que os estudos relacionados à variação linguística seguiam um padrão de análise semelhante ao que já vem tradicionalmente feito nos estudos variacionistas com base em línguas orais. Por meio da análise dos textos observamos que alguns seguem um padrão de investigação, cujos resultados mostraram que os elementos extralinguísticos idade, sexo e escolaridade eram os principais fatores sociais promovedores de variação. Além disso, a maioria dos textos pesquisas buscavam relacionar os resultados da análise dos dados em uma tentativa político-ideológica de desmistificar alguns mitos em torno da Libras e, por conseguinte, problematizar certos discursos preconceituosos acerca da variação linguística na Libras.

Além do exposto no parágrafo anterior, alguns artigos apresentaram uma relação entre os elementos em variação na língua portuguesa e dados em variação na Libras, em que ressaltam de maneira enfática as variações diatópicas, ou seja, aquelas que ocorrem nas diferentes regiões do país; as variações diastráticas também foram citadas, mas em menor frequência, dando a entender que os espaços sociais nos quais os usuários de Libras estão inseridos bem como os grupos sociais dos quais fazem parte influenciam seus usos linguísticos.

Após a análise dos textos e fazendo uma retomada dos objetivos propostos na Introdução deste trabalho, pudemos analisar que as principais características dos

estudos aqui interpretados discutem que a variação linguística é um fator natural que pode ocorrer em qualquer língua, assim como ocorre na Libras. Percebemos que as características metodológicas utilizadas na maioria dos estudos fizeram uma avaliação das mudanças sociais pelas quais as comunidades surdas passaram ao longo do tempo, além de suas características sócio históricas e sócio geográficas.

Por fim, compreendemos que a variação linguística tem elementos importantes que causam o seu desenvolvimento, como, por exemplo, no caso da Libras, a sua utilização nas comunidades surdas, em que não há somente surdos, mas também usuários de Libras ouvintes, o que pode provocar diferentes formas de interação social o que pode promover variação em usos de sinais e de outras estruturas gramaticais da Libras. Os estudos de línguas de sinais, sobretudo no Brasil, vêm apontando a necessidade de se rever e, portanto, de se construir novas abordagens metodológicas que possibilitem melhor observar as características sociais das comunidades surdas, bem como problematizar discursos sobre raça, gênero, identidade etc. que perpassam essas comunidades, sobretudo discursos produzidos por pessoas ouvintes sobre as línguas de sinais que podem influenciar, propriamente, o uso dessas línguas. O que estamos afirmando é que as comunidades surdas precisam ser vistas, principalmente por pesquisadores surdos, a partir de uma perspectiva social que podem acarretar procedimentos de pesquisa que não sejam, meramente, uma transferência de elementos de análise feitos para uma língua oral a análise a ser feita em uma língua de sinal. Assim, embora a comunicação seja uma prática social importante, devemos respeitar todas as particularidades de uma determinada língua, sobretudo se essas línguas não se adaptam ao canal tradicionalmente reconhecido como sendo próprio de emissão de línguas, que é a voz. Assim, os trabalhos analisados neste trabalho mostram que ainda há muito a se pensar e a se considerar em relação à Teoria da Variação no tocante a dados de línguas viso espaciais que podem contribuir com novas perspectivas de linguagem e, até mesmo, do fenômeno da variação em comunidades linguísticas, até pouco tempo, invisibilizadas, como as comunidades surdas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. **Como Preparar Trabalhos para Cursos de Pós-Graduação: Noções Básicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001

ANDRADE, Wagner. **Varição fonológica da Libras**: Um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba. Tese (doutorado). Programa de Pós-graduação em Linguística. Centro ciências humanas Letras e artes. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2013.

ANDREIS-WITKOSKI, Silvia.; MAESTRI, Rita.; OLIVEIRA, Giovana. A importância do estudo da variação linguística dentro da disciplina da Libras no ensino superior. Revista **Transmutare**, V. 4. Curitiba, 2019

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: como é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. M; [VOLOCHÍNOV, Valentín. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BORBA, Rodrigo. Linguística Queer: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, Vol. 9, n. 1, jan./jun, 2015.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 de abril de 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 21 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística**: Uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CRESWELL, John. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DANTAS, Cristiane. **Variações linguísticas em Libras**: Um estudo das variações diatópicas das cidades de Macaé e Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em cognição e linguagem. Centro de Ciências do Homem. Universidade estadual do nordeste fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Rio de Janeiro, 2018.

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender**: Fundamentos, práticas e políticas. São Paulo. Unesp, 2009.

GARCIA, Ana; GUIMBAL, Ana. **Varição linguística no léxico da língua brasileira de sinais**: uma abordagem teórica. V congresso paraense de educação especial UNIFESSPA, Marabá PA, 2018.

GESSER, Audrei. **Libras?** Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

JÚNIOR, Gláucio. **Variação linguística em língua de sinais brasileira: Foco no léxico**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Departamento de Linguística português e línguas clássicas. Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2011.

JUNIOR, Luiz Antonio Zancanaro; BRENNER, Teresinha de Moraes. Teoria fonológica e variação linguística aplicadas a libras. **Revista Leia Escola**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 7-21, set. 2014. ISSN 2358-5870. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/215>. Acesso em: 17 maio 2022.

KARNOPP, Lodenir. **Fonética e Fonologia**. Apostila do curso de Letras- Libras licenciatura e bacharelado, Florianópolis. UFSC, 2006.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 1986.

LAKOFF, Robin. **Language and Woman's Place**. New York: Oxford University Press, 2004.

LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. Unesp, 2013.

MCKEE, David.; MCKEE Robert. Investigating sociolinguistic variation in New Zealand Sign Language. In: QUADROS, R. M. **Anais do IX Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais**. Florianópolis: Lagoa Editora, 2006, p. 127-128.

MACHADO, Vanessa.; WEININGER, Markus.; As variantes da Língua brasileira de sinais- Libras. **Revista Transversal**, v. 4, Fortaleza, 2018.

MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria. Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, Myrna Salerno. Variação linguística em preposição na libras: o caso dos sinais “sobre” e “contra” nos níveis léxico e fonológico. **Revista Espaço**, v. 1, n. 51 Rio de Janeiro, 2019.

MONTEIRO, Myrna Salerno. **Análise de variações linguísticas na Libras**. In: Língua Brasileira de Sinais: produzindo conhecimentos e integrando saberes. Coleção de artigos completos. UFF: Niteroi, 2017.

MUNHOZ, Dércio Garcia. **Economia Aplicada: Técnicas de Pesquisa e Análise Econômica**. 1. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1989.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCIMENTO, Jessica Rabelo. **Regionalismo na Libras: Diferenças presentes na Execução dos sinais**. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2021.

OLIVEIRA, Lidiane Afonso de; SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da; CAMPELO, Wanúbya do Nascimento Moraes: **Variações Linguísticas na Libras: particularidades entre as formas de comunicação/sinalização**. **Revista Cocar**, v.4. Belém, 2020.

OLIVEIRA, Reany; MARQUES, Rodrigo Rosso. **Uso da variação linguística na língua brasileira de sinais**. In: **Revista Diálogos: linguagens em movimento**. Caderno estudos linguísticos e literários. Ano II, N. I, 2014, Cuiabá, 2014.

QUADROS, Ronnice Müller. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

RODRIGUES, Angelica; ALMEIDA-SILVA, Anderson. **Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais)**. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 46, n. 2, p. 686–698, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i2.1673. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1673>. Acesso em: 17 mai. 2022.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo, Parábola, 2021.

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. **Língua, Linguagem e Mediação Tecnológica**. **Trab. Ling. Aplic., Campinas**, 49(2): 419-440, Jul./Dez. 2010.

SILVA, Priscila; DIZEU, Liliane. **Variação linguística na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió/Alagoas**. **Revista Leitura**, v. 1, n. 58, Maceió, 2017.

SILVA, Simone. **Variação sociolinguística na língua brasileira de sinais: o caso dos sinais mãe e pai em Florianópolis**. Florianópolis, 2016.

SILVA, David. **Variação fonológica e lexical em Libras**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2020.

SILVA, Maria Norma Lopes Souza.; BURGEILE, Odete. **A variação linguística no léxico em libras**. **Revista ECOS**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3050>. Acesso em: 17 maio. 2022.



SOUZA, Shelton Lima. **Dialogando, desnormalizando e (re)existindo em espaços superdiversos**: a escrita indígena em contexto universitário. 2022 (no prelo)

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação problematizando a normalidade. In SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre. Mediação, p. 7-32, 1998.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro. **Variação diatópica na língua brasileira de sinais**: a questão do léxico no campo semântico “família”. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em letras: linguagem e identidade. Universidade Federal do Acre-UFAC, Rio Branco, 2017.

VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima. (DES) pertencimento dos sujeitos surdos no ambiente escolar “Ouvinte”: Identidades, Discursos de minorização e resistências. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological** , v. 8, n. 2, p. 889–903, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/4018>. Acesso em: 24 abr. 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)**. Dissertação (Mestre). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, André Nogueira. Panorama da Variação Sociolinguística em Línguas Sinalizadas. **Clara Bola**, v.12, Paraná, 2019.